

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE COMO ALTERNATIVA PARA A INVESTIGAÇÃO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS¹

Claudia Borges De Oliveira Litz², Caroline Maria Toebe Alves³, Sergio Luis Allebrandt⁴, Rogério Dias Dos Santos⁵.

¹ Artigo elaborado após proposta acadêmica da disciplina Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais no PPGDES/UNIJUI

² Bolsistas CAPES, Mestranda em Desenvolvimento no PPGDES/UNIJUI; claudiaborges2903@hotmail.com

³ Bolsista CAPES, Mestranda em Desenvolvimento no PPGDES/UNIJUI

⁴ Professor Titular do PPGDES/UNIJUI; Doutor em Desenvolvimento Regional pelo PPGDR/UNISC; Mestre em Administração pela EBAPE/FGV; allebr@unijui.edu.br.

⁵ Bolsista Capes, Mestrando em Desenvolvimento no PPGDES/UNIJUI; rogerio.farmacia@yahoo.com.br

1. Introdução

O presente artigo analisa o referencial teórico-metodológico da Hermenêutica de Profundidade ou Hermenêutica Profunda, que foi proposto e sistematizado pelo sociólogo John B. Thompson (1998), que propôs três fases analíticas, interdependentes e complementares, em seu modelo: a análise sócio-histórica ou histórico social, a análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação, que serão detalhadamente apresentadas neste trabalho.

A Hermenêutica de Profundidade tem interfaces com a hermenêutica de Paul Ricoeur (1987) e a teoria crítica de Habermas (1984). Thompson, a partir dessas ideias teceu uma metodologia para a comunicação de massa. Nasce como uma teoria da interpretação de textos. Textos são conjuntos de símbolos que são criações humanas carregadas de interpretações, tendo um significado latente, mas também um significado interpretado, dado pelo seu leitor.

Segundo Ricoeur (1987, p.37) “[...] a medida que os textos são, entre outras coisas, exemplos de linguagem escrita, nenhuma teoria de interpretação é possível que não se prenda com o problema da escrita”. Thompson (2002) trata de questões próprias à comunicação de massa e dedica boa parte de sua obra para analisar imagens, fotos, ou seja, textos.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Para Gil (2007), os exemplos mais característicos das pesquisas bibliográficas são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema. Fonseca (2002) acrescenta que a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.

3. Resultados e Discussão

Para construir sua teoria metodológica, Thompson parte de algumas premissas que são essenciais: o objetivo de investigação da HP é um campo previamente interpretado, ou seja, “a hermenêutica da vida cotidiana é um ponto de partida primordial e inevitável do enfoque da HP” (THOMPSON, 2002, p. 363).

Thompson considera que utilizando a hermenêutica consegue desenvolver um método que difere de outros porque propõe uma pesquisa sócio-histórica, que não se trata apenas de uma concatenação de objetivos e acontecimentos que estão ali para serem observados e explicados como é feito nas ciências naturais. (THOMPSON, 2002, p. 32).

Assim, Thompson opta por desenvolver um referencial metodológico de hermenêutica de profundidade que tenha a ver com a capacidade de abrangência que a hermenêutica possui em comparação com outros métodos. Segundo o autor, métodos particulares de análise podem iluminar alguns aspectos do fenômeno à custa de outros, que sua força analítica pode estar baseada em limites estritos, e que esses métodos particulares podem ser melhor analisados como estágios parciais dentro de um enfoque metodológico mais abrangente (THOMPSON, 2002, P. 33).

Através dessa ferramenta teórica e metodológica o pesquisador tem a possibilidade de produzir análises do contexto sócio-histórico e espaço-temporal que cerca o fenômeno pesquisado, pode elaborar análises discursivas, de conteúdo, semióticas ou de qualquer padrão formal que venha a ser necessário; pode decompor a ideologia como vertente social importante, conferindo um caráter potencialmente crítico à sua pesquisa.

A Interpretação da doxa

A Interpretação da doxa é o primeiro passo para o início do trabalho hermenêutico, é a hermenêutica da vida cotidiana, “uma interpretação das opiniões, crenças e compreensões que são sustentadas e partilhadas pelas pessoas que constituem o mundo social” (THOMPSON, p. 364). A maioria dos problemas dessa interpretação de Wittgenstein é que, muitos consideram o trabalho hermenêutico completo, pelo fato de descreverem os fatos como eles ocorrem, o que não se enquadra na perspectiva da HP. O que deveria ser tratado como um aspecto imperativo da investigação torna-se toda a investigação, e outros aspectos são esquecidos.

Sem abandonar a interpretação doxa, deve-se ir além desse nível de análise, para tratar outros aspectos das formas simbólicas que surgem da construção do campo-objeto. As formas simbólicas são também estruturadas de maneiras definidas e inseridas em condições históricas específicas. A HP é a produção inovadora de um conhecimento específico por um pesquisador, baseada em um fundamental referencial teórico que possa fundamentar esse conhecimento.

De acordo com Thompson (2002) o processo metodológico da HP compreende três fases ou procedimentos principais: a Análise Sócio-Histórica, Análise Formal ou Discursiva e Interpretação/Reinterpretação. O autor destaca que as fases não são necessariamente etapas cronológicas, mas distintas dimensões de análise, complementares conforme o contexto e objetivos da investigação.

Análise Sócio-Histórica

Tem por objetivo “reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 2002, pg. 366). Esta fase admite vários métodos ou tipos de análise, dependendo dos objetos e circunstâncias particulares da investigação.

A análise sócio-histórica parte das “condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 2002, p. 34). Ou seja, é, portanto o ponto de partida (a interpretação da doxa) e responsável por fornecer as primeiras informações ou dados de análise das formas simbólicas com o intuito de verificar a existência de relações assimétricas na distribuição de poder. Para isso, o autor faz uma importante ressalva: “[e]ssas fases devem ser vistas não tanto como estágios separados de um método sequencial, mas antes como dimensões analiticamente distintas de um processo interpretativo complexo” (THOMPSON, 2002, p. 365).

Esta análise extrapola a simples leitura da obra em estudo. Tentar reconstruir as condições sócio-históricas desta obra revela-se um processo que exige do pesquisador um envolvimento com as tramas da História e tudo que a cerca. Tal envolvimento vai muito além de meras leituras, sendo necessária uma extensa, intensa e responsável submersão no mundo da história no qual o momento de produção e apropriação da obra está inserido.

Ao realizar a análise sócio-histórica, procuramos resgatar as situações no espaço e no tempo, ao focar os campos de interação, as instituições sociais e a estrutura social, identificando as assimetrias na distribuição de poder e recursos e abordando temas como classe, trabalho, gênero, etnia, geopolítica, etc. Dessa maneira estaríamos contemplando tanto uma interpretação dos padrões de significado incorporados pelos sujeitos como uma análise das implicações de poder e conflitos, através da atenção aos modos de operação da ideologia.

Análise Formal ou Discursiva

Seu objetivo é investigar a organização interna das formas simbólicas, discutindo seus padrões e suas relações. Esta fase também admite vários métodos e tipos de análise. Consiste em dizer que os objetos e expressões que circulam nos campos sociais, através dos quais se dão as relações, são formas simbólicas, construções complexas que apresentam uma estrutura articulada.

Esta fase refere-se à fala especificamente e é chamado de análise discursiva, considerada pelo autor não como momentos específicos e direcionados, “mas antes casos concretos da comunicação do dia-a-dia, uma conversação entre amigos, uma interação em sala de aula, um editorial jornalístico, um programa de televisão” (THOMPSON, 2002, p. 370). É nesta fase que se destacam a análise da conversação, a análise sintática, a análise narrativa, a análise argumentativa, e a análise de conteúdo.

Assim, utilizando-nos de um padrão formal de análise, podemos entender como o sentido opera ou como uma possível mensagem é transmitida, seja pela imagem, pela fala ou pela escrita. Essa abertura da fase da análise formal, onde o analista pode utilizar qualquer padrão formal propicia uma gama de possibilidades que torna o método da HP muito abrangente.

Interpretação/Reinterpretação

A terceira e última fase, é a interpretação/reinterpretação. Seu objetivo é realizar, por construção criativa, uma síntese dos resultados das etapas anteriores para assim, projetar um novo significado possível para as formas simbólicas, discutindo, por exemplo, se elas são ideológicas, estabelecendo e sustentando relações de dominação.

A reinterpretação é uma síntese que integra o conteúdo das formas simbólicas à análise do contexto de sua produção. Trata-se de uma explicação interpretativa, plausível e bem fundamentada – daí a necessidade de um referencial teórico consistente – do fenômeno investigado. Os sentidos produzidos durante o trabalho do analista podem distanciar-se ou mesmo divergir do significado atribuído às formas simbólicas por quem originalmente as produziu e pré-interpretou: os sujeitos sociais.

A interpretação da ideologia é considerada por Thompson como uma forma específica de HP, e embora distinta das demais fases, é muito facilitada por elas, pois cabe à análise sócio-histórica e discursiva “procurar desvelar os padrões e efeitos que constituem e que operam dentro uma forma simbólica e discursiva” (THOMPSON, 2002, p. 375). É uma fase específica por produzir uma dimensão crítica: “[a] interpretação da ideologia se apoia sobre cada uma das fases do enfoque da HP, mas ela toma essas fases de uma maneira particular, com a finalidade de realçar as maneiras como o significado serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 2002, p. 378).

4. Conclusões

Em cada uma das fases, o autor indica o que considera importante ser identificado: 1) na análise sócio-histórica a interpretação da ideologia deve estar atenta às relações de dominação que caracterizam as instituições sociais e os campos de interação; 2) na análise formal ou discursiva e o emprego dos modos gerais de operação da ideologia podem indicar, também, que as estratégias utilizadas têm servido para sustentar relações de dominação, seja por meio da narrativização, da eternalização, ou de outros. Por meio deste procedimento, o estudo estará indo além de uma mera análise e propondo uma reinterpretação, ou ainda, uma interpretação da ideologia. E esta, por sua vez, acaba por desenvolver um papel de síntese por aliar as análises sócio-histórica e discursiva para mostrar as relações de assimetria na distribuição de poder.

A Hermenêutica Profunda contradiz ao positivismo de Comte, uma vez que ele não considera os conhecimentos ligados às crenças ou qualquer outro que não possa ser comprovado cientificamente. A teoria crítica desenvolvida por Thompson vem se destacando como poderoso instrumento científico para análise das formas simbólicas, de um modo geral, e da ideologia, em particular. Sua teoria dialoga com Habermas e serve de base analítica para diversas pesquisas em psicologia social e outros campos do conhecimento.

Segundo Thompson (2002), a interpretação da ideologia adentra no domínio das afirmações e contra afirmações, da argumentação e contra argumentação; não é apenas uma projeção de um significado possível, mas uma intervenção potencial da vida social, isto é, uma projeção que pode intervir nas próprias relações sociais que o objeto de interpretação serve para sustentar. Interpretar uma forma simbólica como ideologia é abrir a possibilidade à crítica, não apenas de outras interpretações, mas também das relações de dominação em que esses sujeitos estão inseridos.

Thompson (2002) acrescenta que o modo de operacionalização dessas etapas de análise e a eficiência dessa operacionalização dependem do pesquisador (nesse caso, o hermenêuta, aquele que toma para si a função de interpretar). Tanto quanto os momentos anteriores, a reinterpretação se dá durante todo o desenvolvimento da análise. Trata-se de compreender os elementos levantados em um dos momentos em consonância com os elementos levantados no outro, e vice-versa.

5. Palavras-chave: John B. Thompson, Hermenêutica de Profundidade, ideologia.

6. Referências Bibliográficas

- ECO, U. (2007) Quase a mesma coisa. Tradução de Eliana Aguiar; revisão técnica de Raffaella Qental. Rio de Janeiro: Record (Obra original publica em 1932).
- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XIX Jornada de Pesquisa

HABERMAS, J. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa; tradução de Flávio R. Kothe. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

LOPES, F. T. P. e VASCONCELLOS E. G. Os alicerces metateóricos da teoria social de John B. Thompson. Psico Jan/Mar. 2010,v. 41, n. 1. Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil. pp. 67-75.

RICOEUR, P. Teoria da Interpretação. Lisboa: Edição 70, 1987.

THOMPSON, J. B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.